

O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 11.

SABBADO 16 DE JUNHO.

1860.

Retratos à lapiá.

PINTO MOREIRA.

A's innumeras difficuldades com que tem de lutar um pobre artista á quem metteu-se-lhe na cabeça tirar e exhibir em publico os retratos de seus conhecidos antigos, accrescem o tempo e a distancia. E' preciso uma memoria teñaz como não tenho, e recordações profundas que não é facil reconcentrar, para vestir de habitos caseiros e bosquejar á perfil um amigo que a gente não vê ha muito tempo, e que anda por tão longes terras que tira a vontade de ir avivar na fonte pura os traços fugitivos que acodem á mente.

E' um esforço difficil de memoria o que vamos tentar; mas o que sahir, hade ser fiel como um espelho de Veneza, e verdadeiro como as brincadeiras de Epaminondas, o Thebano.

No Snr. Pinto Moreira revelam-se em ponto grande e com egual saliencia os dotes da intelligencia, como os do espirito e do coração. Talento vastissimo, dedicação nunca desmentida para com seus amigos, virtudes austeras e um fundo de probidade immarcelavel: qualidades que só lhe contestavam meia duzia de liliputianos, que mais eram rivaes iavejosos que antagonistas leaes.

Affavel para todos, familiar para ninguem, é dessa nata das almas grandes e de crença robusta, cuja escassez os velhos tanto lamentam. São os seus intimos os que mais depressa e com mais docilidade se curvam ante sua superioridade. Não que elle se mostre altivo, mas é que possui essa nobre altivez que se impõe sem precisar ser imposta por quem a tem da natureza. E' a soberania do talento, a unica de direito divino que ainda ninguem poz em duvida: o unico sangue azul incorruptivel. Feliz de quem o sente gyrar em suas veias!

O Snr. Pinto Moreira é d'uma actividade sem egual. Quando conversa, e conversa ás maravilhas! ferve-lhe o espirito n'uma labutação continua. Façam idéa da diversidade de seus estudos e da variedade de

seus conhecimentos. Nunca pôz a mão n'um objecto que o não ficasse conhecendo *intus et in cute*: sua visão é lucida e transparente como um chrystal de rocha polida de Madagascar.

Não é facil em admirar. Vê-se quando conversa: não exclama, não diz nem *ah!* nem *oh!* Já viram um escripto delle onde viesse um ponto de admiração? Em materias scientificas ou litterarias não admite o jugo de ninguem, nem o da opinião publica, esse Protheu centimano, arbitrario, despotico, tyrannico, e muitas vezes estúpido, feroz e ridiculo. Mas o Snr. Pinto Moreira julga por si e emite seu juizo individual, sem pretensão nem orgulho. Nelle é a unica forma que reveste o egoismo. Mas é o egoismo dos espiritos livres e pensadores.

Seu espirito é das meias côres e luz abundante. Não tem flôres de rhetorica, não sabe fazer metaphoras, nem prosopopéas, nem catachrezes, nem onomatopéas. Diz o que tem na cabeça, e sempre que diz é muito e bem. Narra com tal claresa que não deixa a mais ligeira nevoa. Argumenta com uma logica dominadora, e tem tanta certeza da victoria que nunca o abandona a calma inflexivel que é o seu estado normal.

Quando estigmatiza um seu inimigo, é desapiedado; o estigma fica marcado: não é um risco de carvão, é um talho fundo rasgado á buril. São tão picantes suas allusões, tão bem achados os epithetos, que não ha perigo de falhar o golpe. Não é um allinete que pica, é uma setta hervada que fere, penetra e fica enterrada.

Tambem não conheço amigo mais extremoso, mais capaz de grandes sacrificios por seus amigos. E não é um esforço, é um habito, é a natureza propria delle.

Sem ser artista, possui o instincto da arte em grau elevado. Toca violino por desenfado, e tem optimas ideas sobre musica e poesia. Não dissimula com o emprego indebito de um artigo: abomina com santo horror as sacrilegas hecatombes grammaticas que alguns vates sacrificam no altar da rima. E pode fazel-o, porque conhece a lingua com sufficiencia, com erudição quasi.

Dotado de espantosa memoria, o nosso

heróe traça factio por factio da revolução de 42, á que assistio em Minas, sua provincia natal. Contava então seus sette annos, e andava de collete vermelho (*) como saquarema que era, e que é ainda hoje, com toda a frescura das convicções adquiridas á custa da observação, aprendidas no campo dos partidos em operações reaes, e enraizadas desde o berço n'um coração tão joven.

Das faculdades intellectuaes a que mais predomina nelle é o bom-senso. Homem practico por excellencia, não me lembra ter-lhe ouvido o mais desculpavel paradoxo. Neste tempo não é uma extravagancia?

Sincero e franco, tem ainda mais horror ás reticencias do que aos pontos de admiração. Não serve para orador pathetico. Si o fizessem padre, havia de ser padre de missa.

Em philosophia, propende para o pantheismo; na maneira de conversar e de estudar, é peripatetico; em politica, conservador de bom quilate; em jurisprudencia, positivo antes de tudo; em musica, rossiniano conciliado com as matracas de Verdi; em poesia, segue a eschola do senso-commum, que conta hoje muito poucos adeptos, graças ao descredito em que tem cahido.

Trabalha muito, mas com irregularidade. A's nove horas da manhã está de pé, mesmo nas semanas de estudo em que leva até de madrugada clara. De compleição franzina, soffre das consequencias de tão aturadas vigílias. Ha uma coisa que por mais que lhe digam que é sagrada, ateiama em profanar: é a dieta. Um dia de chuva sahio á passeiar estando fortemente constipado, mas não fazia outro tempo.... E' o unico pezar de que elle não sabe alliviar seus amigos.

Conservador, como já dicemos, é inimigo da ordem, mas só no arranjo de seu quarto. E naquella barafunda de mesa, livros e cadeiras, a gente estava tão bem, conversava tão á gosto, ria-se tão francamente.... *Oh tempora! oh mores!* oh tempos da prosa academica! Sua sala era enriquecida de quadros das historias de Cervantes: D. Quichotte e seu fiel escudeiro encarapitados n'uns adelgaçados burricos, o encontro de D. Dulcinéa del Toboso, o combate leal e em campo raso com os moinhos de vento, a scena da carneirada e outras pittorescas que agora me fogem da memória.

(*) Vejam a *Revista Popular*. Assevero que nunca o vi nesses trajos.

Fuma com excesso.... E' o reverso da medalha.

S. Paulo, Junho de 1860.

Sandoval.

P. S.

Andam attribuindo estes retratos á pessoas que nelles não tem dado o minimo traço. *Sandoval* não é anagramma nenhum, é o nome de uma de minhas avós, que se chamava a senhora D. Catharina da Silva Sandoval. E' pena, confesso, que ella não tivesse sido nenhuma George Sand; mas, hão de tambem confessar, a culpa não é minha. De mais, protesto, com todo o rigor das leis, contra todo aquelle que quizer tirar-me a gloria destes riscos de lapis de pau. São meus, não os cedo á ninguém.

Sandoval.

EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

VII.

Eis um valente e brioso militar; o tenente —Mata Tres—que ali vêdes ir tão garboso, geneteando o seu corsel, é por certo um valente official; vêde aquelle todo! notae o *impasant* com que se havem! Ao seu aspecto marcial ninguém duvidia ser elle um intrepido guerreiro.

Assentou praça á cousa de trinta annos, quando tinha desenove; e não sei mesmo porque fatalidade, ainda não passou da patente em que está! Só cadete foi elle cerca de vinte, sendo já conhecido por avô dos cadetes; e a não ter subido ao Ministerio um compadre do seu padrinho, ainda o nosso bravo homem d'armas andaria apenas com as daas estrellinhas nos dous braços!

Agora os seus serviços seraõ mais bem recompensados; o caso foi apanhar-se elle official, que em seu favor fallará sempre d'agora em diante a *bem vinda antiguidade*; dama compassiva, que tem valido a muitos outros militares, cujo augmento de posto só della esperar podem.

Ainda a menos de dous annos, o bravo Mata-Tres, estava feito alleres, e si não fosse ter ficado elle o primeiro em antiguidade no quadro do exercito, por ter havido a mais prodigiosa promoção: certo que ainda nos seus canhões, não luziriam os dous estreitos gallões que hoje luzem.

Mata-Tres em tudo é um completo militar parece ter nascido para a farda. Amante da disciplina? nem creio que houvesse outro, tanto como tem elle sido.

Centenaes de vezes debaixo della esteve,

umas reprehendido, outras prezo, e somente de inferior viu-lhe ser arrancada a divisa em mais de vinte occasiões; mas já se sabe, não por culpa sua que em grande conta sempre teve a sua nobreza; porém como ir bem um subalterno, quando o seu commandante é cheio de nequicias, é impertinente e imbirrante? Ora, si alguma vez em que o avô dos cadetes estava de sentinella, era atacado de algum pesadello na cabeça, e para ficar melhor do que soffria, encostava-se na guarita descaçando, e por acaso nesta hora viesse a ronda dar com elle em tal estado: lá ia parar no *chilindró* ou soffrer outro qualquer castigo o nosso valente militar!

Destas, muitas lhe succederam, pois que infelizmente elle era achacado a esses padecimentos.

Outras vezes tambem teve elle de soffrer o máu humor dos commandantes, só de recolher-se em algum corredor que achava aberto nas noutes que estava de patrulha! Em noute escura ou chuvosa, o que fazer um pobre soldado, que se sente indisposto e atacado dos nervos? E ainda com este havia mais esta singularidade: elle soffria horrivelmente nas noutes de trovoadas; a culpa não era sua, mas os embirrantos dos superiores não davam razão a nada.

Uma vez, coitado, caro lhe ia custando um fracasso que lhe succedera.

El mandado em uma diligencia prender um criminoso, que sabia-se o lugar onde pousava. Era Mata-Tres então forriell, e fora commandando a escolta; e não só pelas recommendações do commandante que levava, mas ainda pelos bons desejos de que ia cheio: marcha impavido tendo como certo um bom effeito da diligencia.

Era noute porem noute de luar, quando se approxima, a escolta, da casa em que deviam prender o tal criminoso, bem conhecido pelas muitas mortes que havia feito. Neste començo teve Mata-Tres a desgraça de ser atacado de uma violenta dor no ventre. Eis em embaraços o nosso forriell, e privado da gloria que tanto ambicionava, de ser o unico a filar o tal malvado!

O que fazer em casos taes? resignar-se á sorte; pois foi ao que elle pacientemente se sujeitou.

Manda *fazer alto* á força que commandava; dá parte dos seus agudos padecimentos; e ordena a um cabo de esquadra que ali ia; que siga com os soldados, faça o cerco na casa e prenda o criminoso; em quanto elle ia fazer

uma outra diligencia, que as necessidades cor. oreas lhe obrigavam.

E nisto corre para o mato, em quanto que o cabo e os que o seguiam se dirigem ao lugar da diligencia, estabelecem o cerco, e pedem ao dono da casa entrega do assassino.

Abrem a porta; alguns soldados entram e mais o cabo, correm-na toda, e não achando quem procuravam, iam de novo sahindo, quando se ouvem alguns gritos dos lados, em que o forriell havia ficado.

O cabo em breve reconhece a voz de Mata-Tres, e o julga soffrendo alguma violenta colica.

Reune os soldados; e marcha a soccorrel-o. Nisto que perto vão, percebem que mais de uma pessoa ali se achava; e sentem barulho de pancadas, que alguém dava.

O cabo apressa a força, e quando se approximam, veem um vulto que fugia por entre o mato: e com surpresa foi dar com o bravo forriell caído e ensanguentado, e todo contuso de pancadas que levava com a sua propria espingarda!

O caso é este: quando o cabo começara a pôr o cerco na casa em que estava o malvado, que iam prender, este percebe tropa, foge por uma janella sem que o vissem; e correndo ao acaso pelos matos, foi esbarrar com o nosso hom forriell. Este que vê perto de si um homem com cara de assassino, sente um ataque de nervos; e involuntariamente dá mão lhe cáe a arma. O malvado isto vendo, se apodera della; e em paga do encommodo que lhe deram áquella noute, lhe pespega meia dusia de coronhadas; e vendo que a tropa para ali se dirige, embrenha-se no bosque e em breve desaparece.

Bem podéis prever agora as consequencias deste infausto. Alem das pancadas que levava do malvado, teve ainda de soffrer não pouco do rigor da disciplina; e nem sei mesmo, como Mata-Tres, depois de serem-lhe desta vez arrancadas as divisas, sendo reprehendido na frente do batalhão, ainda conseguiu tornar a vel-as em seu canhão.

Em muitas destas e d'outras contrariedades se viu o bravo avô dos cadetes; e que deixo de narrar agora, pois não quero mais tomar-vos tempo. Apenas vou ainda contar-vos, uma das suas façanhas, já depois de tenente.

Os tempos mudam-se, e os batalhões tambem mudam de commandantes, ou os officiaes de batalhões. Assim succedeu com Mata-Tres. Sendo promovido a tenente, teve

passagem para uma outra provincia; e lá era inteiramente desconhecido.

Mata-Tres sempre austero com os seus subordinados, e até no andar impondo sempre aquelle ar marcial que ainda conserva, não podia deixar de ser tido, pelo seu novo chefe, como bravo militar.

Um dia o commandante o chama, e communica-lhe que o presidente tem uma diligencia de importancia, e que lhe podia bem ganhar um augmento de patente, caso elle a executasse com aquella bravura e pericia que sem duvida, elle possuia; e assim ordena-lhe que vá o palacio receber as ordens a respeito.

Mata-Tres nem mais esperou ouvir, apressa-se em cumprir as ordens do seu superior, e em pouco, eil-o conversando com o presidente da provincia sobre o tal negocio.

«As ordens de V. Exc., diz Mata-Tres ao presidente, me manda meu commandante;» e isto dice com ar de quem estava disposto, a ir combater até mesmo o mais poderoso exercito.

«O Sr. tenente, diz-lhe o presidente, apromete-se para seguir com a força, que agora ordeno ao seu commandante, que ponha as suas ordens; escolha soldados bons valentes e destemidos, pois trata-se de prender um grande facinora, alcunhado o Sussuarana, terror da commarca de Imbaúba...»

E ainda mal isto ia dizendo, atalha-o o bravo militar: «Fique V. Exc. descansado, que o facinora ha de saber para quanto presto; eu cá não sou para graças;» e assim dizendo, começa a passar as mãos nas longas barbas e continúa: «estas barbas não estão alvejando de balde; deixe mostral-as ao tal facinora, e V. Exc. verá se elle as não hade respeitar.»

«Pois bem, continua o presidente, V. S. deve portar-se com toda a cautela e circumspecção, pois o homem é destimido e audaz. Elle faz sua rezidencia em Pirajuba; e dizem-me que está quasi sempre jogando em uma taverna que ali ha. O Sr. tenente deve deixar a força distante do povoado; e em trajes desfarçados ir e alguns soldados de confiança para aquelle lugar, a ver si lançam mão do homem, sem que elle, com antecipação, possa suspeitar que o vão prender.»

«Deixe V. Exc. cá por minha conta, eu respondo pelo Sussuarana; e V. Exc. verá quem pode mais, si a tal féra, ou cá o Mata-Tres.»

E depois de mais algumas observações, despede-se o tenente; e escolhida a força que o devia acompanhar, segue viagem para Pirajuba.

Alguns dias se passaram em viagem, mas por fim chega a escolta ao lugar em que deviam parar.

O nosso bom militar, que não se podia conter em quanto não mostrasse as suas bravuras e do quanto era capaz; dirige-se só, de espada á cinta, bem entendido, e não sem seu uniforme e mais petrechos, e em pouco entra na taverna arrogantemente, isto é, com aquelle ar garboso e de guerreiro que lhe védes, e sem mais cumprimento, foi perguntando logo ao taverneiro: «Onde está o malvado Sussuarana?»

Taverneiro: «Agora mesmo saiu daqui.»

Tenente: «Pois has-de dizer-lhe, que o tenente Mata-Tres, ha-de mostrar-lhe para quanto presta esta lamina d' aço;» e nisto que a espada ia desembainhando, diz-lhe o taverneiro: «Ahi vem entrando o Sr. Sussuarana; e antes que concluísse, o bravo tenente sentindo-se tomado de um calafrio, como tocado por laisca electrica, escapa-lhe da mão a espada que de novo cáe dentro da bainha; e elle rapidamente volta-se para a porta, onde esbarra cara á cara com Sussuarana; a quem em tom meigo e affavel, se dirige com este cumprimento: «Illustre Sr. Sussuarana, agora mesmo acabo de fallar de V. S.»

Sussuarana, com voz grossa: «De bem ou de mal?»

Tenente: «De bem, que de mal ninguém se atreveria.»

Sussuarana: «Pois para que não falle mais em mim, tome lá estas duas bofetadas;» e nisto foi nas duas barbadadas faces do tenente, já com uma e já com outra mão, pespegando-lhe dous valentes cachações.

Mata-Tres, embarçado pelo cumprimento um tanto grave que lhe fizera Sussuarana, apenas humildemente balbuciou: «E eu os recebo, como se fossem da mão de meu pae.»

Este bravo official uma outra vez achando-se em uma reunião, não sei porque expressão sua de arrogancia, um sujeito que presente estava lhe arruma tremenda bofetada; Mata-Tres, com ar ameaçador, e como quem estava disposto a tirar vingança da affronta, vira-se para o seu aggressor, e com calor lhe pergunta: «Isto é devéras, ou é brincando?»

«Devéras, lhe responden o outro.»

«Logo vi, dice Mata-Tres, pois comigo ninguém brinca.»

S. Paulo, 6 de Dezembro de 1856.

*Contribuição de um Socio Honorario
do Instituto.*

Desmanios.

Es shwebet nun in unbestimmten Tönen
Mein lispelnd Lied . . .

GOETHE—FAUST.

Saiam inda estas vozes! — como um echo,
Debil, e vago da harpa, que resoa,
Vibrada pelo sop'o caprichoso
Dos zephiros da noute. — Embora rotos
Da vaporosa melodia os êtos
Caíam aqui e ali, quaes murchas pétalas,
Que a procella esfolhou de flôr balsâmica;
No susurro do povo embora esvaíam-se,
Como gotas de mel no salso oceano.
Embora! não modula solitaria
No silencio da selva a patativa?

Qual geme a onda do mar nas ermas praias,
Murmura o arroio no arenoso leito,
Entre a verde folhage' auras suspiram,
Ou chora o infante nos maternos joelhos,
Desperto pela dor — do nada à vida;
Taes do meu coração aos labios sobem
Threnos, gemidos do soffrer ignoto,
Que em vão suffoco, e que nos ares perdem-se
Dispersos, sem achar um echo amigo.

Longe é a idade, em que o diadema argenteo
Reluz na fronte: mas a dor sulcou-m'a,
Qual lavra o raio no marmoreo busto;
Curvada pela mão da desesp'rança,
Se inclina, como a rama do pinheiro,
Vergado ao sopro de bulcões horrendos.
Sinto meu coração já secco, esteril,
Qual lybico areal, ou qual o monte
Por volcanico fogo calcinado.

Não te cobiço, gloria! — civado fumo
Nas thuricremas aras da vaidade!
Louro plantado em terras do sepulchro:
Vãos applausos, que à borda delle expiram;
Auréola fatal, que esconde a c'roa
De pungentes espinhos; sonho ephemero,
Onde é tudo illusao, — menos a angustia.

Sciencia! — luz fallaz, que ao abyssmo guia
Fundo, insondavel de fatal descrença!
Que és tu sinão palavra embaidora,
Fascinante ouropel às myopes vistas,
Eterno disputar onde a verdade,
E o erro alternam de continuo os trajez?
Nem si quer explicar o espaço podes
Estreito, que conduz do berço ao tumulo,
Como além devassar tremendo arcano?..

Poder, riqueza . . .! purpurino manto,
Que as chagas cobre, e o verminoso enxame,
Que a Scylla, o Dictador, vivo devora!
Branco arminho, de lodo polluido,
Ou de gotas de sangue salpicado!
Celeuma triumphal, que não abafa
De infame insultador baldões, escarneos,
Nem o ullular de miseros captivos!

O amor . . . talvez amar podesse ainda;
Talvez, diffuso o gelo ao seu bafejo,
Virentes flores n'alma me brotassem;
Celestes arrebôes talvez clareassem
Negros antros, — da dor morada eterna.
Mas onde o aujo de belleza empyrea,
De fórmias puras, de alma inda mais pura,
Compassivo a verter celeste balsamo
Do coração nas ulceras ardentes?
Anhelo vão, tantalico desejo
De sonhado prazer, — supplicio eterno!

Sim! — é tudo illusão, opprobrio, e gloria,
Erro e verdade, amor, poder, riquezas . . .
Tudo é mentira, é só real o nada.
Ah! porque me acordou tredo destino
Desse somno sem sonhos, que dormira
Sec'los nos seios maternas do nada!
Nascer fadado p'ra o labor perenne,
Para a luta incessante, a eterna duvida . . .
Do Firmamento um canto azul e puro
Sempre ao longe entrever, nunca alcançá-lo . . .!
Si ao meu nada principi'o inda volvesse,
Qual si nunca nascido ao mundo houvera!
— Somno sem despertar, profundo, eterno . . .

Harpa christan, não gemas blasfemando,
Não te rebelles contra a mão, que esmaga-te,
Que é um bem a mesma dor, quando vem della.
Chora, sim, como Job em suas miserias,
Mas 'spera, e crê: — depois da noute a aurora.

D. R.

Grutas naturaes.

II

A GRUTA DE FINGAL.

A pequena ilha de Staffa, que não chega a ter uma milha de comprimento de N. a S., é uma das Hebrides ou ilhas occidentaes da Escocia, e parece totalmente composta de materias volcanicas: a singularidade, porém, é ser toda ella firmada em columnas angulares de basalto, como se vê de alguns troços que sobresaem á superficie do terrexo da ilha, e muito mais das penedias ou arribas do mar, que são todas de pedra daquella natureza e forma, dispostas com uma ordem parecida a da famosa *Calçada dos Gigantes* na Irlanda. Na parte meridional da ilha estas columnas são extremamente altas e tem quasi tres palmos de diametro; e posto que nem uma seja rigorosamente direita, com tudo, em massa, appresentam á vista uma apparencia de regularidade como de obra de architectura, que se bem ande exagerada nos desenhos e descrições, todavia é bastante notavel por este caracter peculiar para que seja credora da fama que tem grangeado. Neste mesmo lado é que está situada a ex-

cavação natural, a que, depois de Banks que a visitou em 1772, se tem dado o nome de *Gruta de Fingal*, nome do heroe dos poemas primitivos da Escocia, conhecidos sob a denominação de Poemas de Ossian ou de Macpherson, e que, segundo escrevem os Inglezes modernos, procedeu de um equivoço daquelle sabio, e não é fundado em tradição dos naturaes, que lhe chamam *Gruta da Musica*, pela especie de harmonia resultante dos echos sonoros do bramido das ondas.

Tem de largura na entrada 42 pés, estendendo-se por 227 pés de fundo; e a altura vae gradualmente diminuindo de 100 até 50 pés: é forrada por ambos os lados com aquellas extraordinarias columnas quasi perpendiculares: a boca faz um arco magnifico, e toda a vasta abobada é uma superficie maciça, em uns logares de rocha lisa e de uma só cor, em outros composta de pontas de pilares pegados em grupos ou feixes, tampando-lhes os intersticios a substancia das congelações chamadas stalactites, de fôrma que estende á vista um como painel de mosaico de grande regularidade e belleza. O pavimento da gruta é a agua do mar.

O modo mais conveniente de observar esta maravilha é entrar dentro n'um bote: o que nunca se pôde fazer com segurança sinão quando o mar é bonançoso e o tempo sereno. Como a abertura é espaçosa, ha muita luz em toda a gruta; e pela mesma razão, estando o mar crespo se enrolam as vagas por ali dentro com grande furia.

O dr. Macculloch, que em sua descripção daquellas ilhas deu a mais circumstanciada noticia de Staffa, conclue deste modo:—«Seria tão vaidoso como inutil empenho intentar a discripção completa de um effeito pictoresco, em que até o mais habil pincel falharia. Si esta gruta fosse privada da symetria e magestade das varias peças que a infeitam, bastariam a sua vastidão, o sombrio crepusculo que dentro della produz variados e agradaveis effeitos da reflexão da luz, o echo das ondas compassadas que ali se enrolam e se desfazem, o transparente verde-mar das aguas e a solidão profunda e melancolica de toda esta scena, para fazerem indelevel' impressão no espirito do homem que tiver disposições para conhecer e presar as bellezas ou da natureza ou da arte. E por certo, a este mesmo sentimento comque nos dotou a natureza, e mediante o qual comparamos suas obras com as da industria humana, a *Gruta de Fingal* deve toda a sua celebridade.»

Além desta curiosidade natural outras exis-

tem na mesma ilha: são tambem dignas de admiração a *Gruta de Mackinnon* e a *Cadeira de Ossian*.

(Continúa.)

Plinius.

Os Jardins e os Passeios Publicos São um grande bem nos grandes Povoados.

N'um desses dias, em que se apodera de nós uma dessas melancolias, que levam o nosso pensamento ás regiões da imaginação, onde formamos milhares de castellos, que com um sopro desabam; ou em que acordados sonhamos: sahi eu, depois de ter levado muito tempo em profunda meditação, em busca de distração, ou de algum recreio, que me tirasse desse estado hypocondriaco; em que me achava mergulhado.

Com passo vagaroso crei por algum tempo, até que me achei postado em frente ao Jardim. E tomado de repentina resolução nelle entrei, e fui sentar-me em um daquelles bancos de pedra, que circumdam o grande tanque; onde pouco a pouco, senti dissipar-se o meu ar meditabundo, e reaparecer alguns signaes de satisfação.

Então levantando-me e percorrendo todas as alamedas, louvei as boas vistas, que presidiram ao fundador daquelle ponto de recreio, e censurei o abandono em que hoje se acha. Porem desculpei o povo paulistano, por ver que na Côrte, onde instituições desta ordem deviam abundar, apenas contam-se duas—o Jardim Botanico, que por debique á botanica é assim classificado, e o emparedado Passeio Publico; que posto não sejam bem tratados, ao menos recreiam a quem lá vae gosar algumas horas distrahidas das lides sociaes.

Esta indifferença é propria ainda do povo brasileiro, que vivendo sempre com prodigalidade, por causa dos immensos bens que lhe offerece a natureza, não se sente disposto por ora a formar jardins, quando nos nossos bosques e matas, vê elle um jardim natural, que prodigalisará novos assumptos de indagação, e de progresso á sciencia dos vegetaes.

Porem, apesar de possuirmos um solo fertilissimo, que não precisa ser revolvido pelos dentes do arado, para mostrar a sua fecundidade, e dos bellos quadros, que nos fornecem os nossos poeticos bosques, com-

tudo não se pode negar a importancia dos Passeios Publicos, ou lugares de recreio; porque ainda que sejamos mais inclinados aos misteres da nossa vida positiva, tambem não deixamos de ter momentos, em que o nosso espirito só quer esporecer; e é esta uma das razões porque são uteis os theatros, os bailes e muitos outros passatempos, que á primeira vista parecerão banalidades, sem utilidade alguma, sendo entretanto de nimia importancia.

Figurae uma cidade, em que a sua população só cura dos interesses materiaes, e que vive em um trabalho continuo. Será um povo monótono, como monótona é a musica que não tem variações; triste e macambusio, como pode ser triste e macambusio o viver do avarento, que só pensa no seu idolo, privado das distrações necessarias ao ser humano.

Não é só a influencia, que reconhecida-mente operam sobre o moral estes recintos de prazer e distrações, como o quanto coo- peram para sanificar as localidades, e vigorar aos seus frequentadores: o que deve se ter em vista para a sua multiplicação.

O embellezamento das praças e a purifica-ção do ar seriam considerações sufficientes para serem desejados.

Seria, portanto, grande vantagem para a nossa gente tão escassa de entretenimentos, que o governo fosse, segundo as suas forças proporcionando-lhe agradaveis Passeios Pu- blicos.

Não queremos, porém, exigir que elle dis- penda rios de dinheiro com jardins como os de Warwick, de Blenheim e de Persefield da aristocracia ingleza; ou como o Le Notre, o das Tuilerias e o de Luxemburgo em França, porém simples como essa infinidade de *Parks* que se acham espalhados pelas diferentes ci- dades dos Estados-Unidos.

Tenhamos *Parks*, e vereis como mais e mais iremos conseguindo salubrisar as nossas povoações; e vigorar e recreiar a nossa mo- cidade, como succede na Inglaterra, na União Americana, e em França; onde vemos nos jardins e *Parks* quer no veraõ, quer no in- verno, alem de gente elegante, uma infinidade de jovens de ambos os sexos e de todas as idades, fazendo diferentes exercicios em que se recreiam; e que lhes vigora o corpo.

F.

MOSAICO.

Adquiriu agora a biblioteca nacional de Ma- drid, uma joia de inapreciavel valor: uma Biblia impressa em Muguncia pelos compa- nheiros de Guttemberg, quatro annos depois da descoberta da imprensa. É o mais an- tigo livro impresso que ha noticia existir em Hespanha. Está perfeitamente conservada esta preciosa edição; só intercaladas duas fo- lhas manuscriptas que mal se differenciam das tosecas edições daquelles tempos.

Em Meaco, cidade principal do Japão, e mui nomeada nas cartas dos missionarios je- zuitas portuguezes do seculo 16.º, ha um *Zi*, ou templo de Buddha, onde existe o maior sino que se conhece no mundo. Tem este sino 17 pés e 2 1/2 pollegadas de altura, e pesa 1.700.000 libras japonezas, que equi- valem a 2.040.000 hollandezas. O seu pezo é portanto cinco vezes maior que o do cele- bre sino de Ivan-velki em Moscow.

O sorriso é o arco-iris do semblante.

«Perdoar é comprehender» dice um ce- lebre escriptor. Perdoo-lhe a expressão, mas não a comprehendo.

A inconstancia é o hombeiro que apaga o fogo do amor,

As mulheres feias foram postas na terra para consolação dos cegos.

Commerson.

ERRATAS DO N.º 10.

As Azas de um Anjo.

Lêa-se a pag. 77 c. 1.ª l. 6	acoroçoal-as.
„ c. 2.ª l. 11	transporta.
„ „ l. 12	inflingir-lhe.
„ „ l. 48	for justo, e honesto
pag. 78 c. 1.ª l. 1	mil modos.
„ „ l. 8	Messalinas.
„ „ l. 17	Marion de Lorme.
„ „ l. 24	sucedem adoroções.
„ c. 2.ª l. 2	escala da prostituição.
„ „ l. 40	porque ella aspira.
pag. 79 c. 1.ª l. 28	mulher difammada.
„ c. 2.ª l. 17	caindo, em vez de caido
„ „ l. 30	sucumbirdes
„ „ l. 35	rime, em vez de reine
pag. 80 c. 1.ª l. 30	superioridade, e não imperiosidade.
„ „ l. 53	inutilidade, em vez de utilidade.
„ c. 2.ª l. 1	da litteratura

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

(Continuado da pag. 84.)

SCENA 4.^a

O Conde e a Condessa.

COND.—Estaes reconciliada com ella?

CONDES.—(Com ironia). Estou, sim.

COND.—Desde quando?

CONDES.—(Item). Desde que nos deu direito á essa immensa fortuna que o seu casamento frustrou: desde que abandonou, por si e pelos seus filhos, que pudesse ter, toda a pretensão a esses dous milhões que nos deviam pertencer.

COND.—E fê-lo sinceramente?

CONDES.—Oh si o fez!

COND.—Mas que projecto concebestes para esta noite?

CONDES.—Vingar-me de um orgulho disfarçado em hypocrita submissão.... Essa mulher não nos odeia, é certo; mas apoderou-se de toda essa fortuna, e eu.... odeio-a, e quero que hoje mesmo sinta o peso do meu odio!

COND.—Hoje mesmo?

CONDES.—Ha muito que medito vingar-me. Tenho mysteriosamente dominado o espirito do Visconde e.... esta noite completarei a minha obra!

COND.—De que modo?

CONDES.—Daquella maneira: vêde! (Entram dous mascaras com trajas iguaes aos de Fernando e Maria).

COND.—Pois já voltaram?

CONDES.—Não são elles: reparae. (Os dous mascaras tiram as que trazem no rosto: um delles é D. Francisco, o outro Luiza).

SCENA 5.^a

Os mesmos, D. Francisco, e Luiza.

COND.—D. Francisco! Luiza! a aia de Maria!

CONDES.—Sim: é uma rapariga que a serve, mas que é nossa.

D. FRAN.—Somos nós, sim, que aguardamos as ordens da sra. Condessa.

CONDES.—Ouçam: estás disposta, Luiza, a servir-nos?

LUIZA.—V.^a Ex.^a prometteu-me 25,000 réis para estabelecer-me honestamente...

CONDES.—Darei cincoenta, si fórmos bem succedidos.

LUIZA.—E havemos de sê-lo.

CONDES.—Vós, D. Francisco, estaes apaixonado....

D. FRAN.—Pela sra. D. Maria d'Avila.

CONDES.—(Com escarneo). Dizei antes Maria da Silva.

D. FRAN.—Pois seja Maria da Silva... Essa rapariga receitou com o maior desprezo o meu affecto, e eu que não renuncio facilmente ás minhas pretensões, tenciono vingar-me della.

CONDES.—Muito bem: agora cumpre que saibam porque estão com esses trajas.

D. FRAN.—Sou todo ouvidos.

COND.—Outro tanto me acontece, porque não pude ainda descobrir o fio deste labyrintho.

CONDES.—As roupas que trajam são em tudo iguaes ás de Fernando e sua mulher.

COND.—Já reparei nisso.

CONDES.—Quero conversar com Fernando sem que sua mulher esteja presente e sem que elle tambem saiba com quem está fallando; para esse fim tenho promptas roupas proprias. Quero dominar aquelle coração sensível e extravagante: quero despertar nelle sentimentos de que mais tarde saberei aproveitar-me.

COND.—E para isso....

CONDES.—O sr. D. Francisco, que sem duvida ha de ter muito que dizer á minha boa cunhada, valer-se-ha da similhaça dos trajas para apoderar-se do seu braço....

D. FRAN.—Muito bem!

CONDES.—E como a pequena já sabe do nosso projecto de cear com ella e seu marido no botequim....

D. FRAN.—E como desempenho o papel do marido, facilmente....

CONDES.—A conduziremos para onde julgarmos conveniente....

D. FRAN.—(A' parte). Ou para onde me fizer conta.

CONDES.—Durante vossa palestra amorosa e sentimental com Maria, enfiaremos o braço de Luiza no de Fernando.

D. FRAN.—Muito bem!

CONDES.—(Ao Conde). Vós, senhor, ireis ter com a auctoridade competente para pôr á vossa disposição um homem de confiança. D'aqui a pouco direi para que fim servirá esse homem.

COND.—Estou prompto.

(Continua.)